# PRETUGUÊS E PSICOLINGUÍSTICA: MEMÓRIA, LINGUAGEM E IDENTIDADE EM ESPAÇOS HISTÓRICOS DE SALVADOR

Girlan dos Santos Carvalho[1]
Clara Maria Miranda de Sousa[2]

## INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de uma viagem acadêmica realizada em Salvador, como atividade do componente curricular de Psicolinguística, integrante da matriz curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus III do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da Universidade do Estado da Bahia, ministrado pela professora Clara Sousa. Essa viagem foi contemplada com recursos provenientes do Edital nº 07/2025 relacionado a atividades de campo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), publicado pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). A experiência formativa possibilitou vivências em museus, espaços culturais e marcos históricos da cidade, favorecendo reflexões acerca da linguagem, da memória, da identidade cultural e das contribuições das africanidades para a constituição social e linguística brasileira. A proposta da visita foi relacionar teoria e prática, permitindo observar como linguagem, memória e identidade cultural constituem as marcas das origens da linguagem afrobrasileira no conhecimento a espaços históricos importantes da capital baiana.

Nesse contexto, Paulo Freire (1982, p. 11-12) afirma que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", destacando que a compreensão da realidade ocorre nas relações construídas entre sujeitos, linguagem e contexto social. Assim, os espaços históricos e culturais visitados tornam-se também espaços de produção de conhecimento, memória e significação para estudantes de Pedagogia que também terão a tarefa de compartilhar conhecimentos sobre as origens afrobrasileiras.

Como base teórica principal, utilizou-se o conceito de "pretuguês", desenvolvido por Lélia Gonzalez, que discute a forte influência africana na formação do português falado no Brasil. Para Gonzalez (2020), o "pretuguês" ultrapassa a noção de simples variação linguística, constituindo-se como manifestação histórica de resistência, memória e

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Campus III – UNEB, email: cgirlan8@gmail.com
[2] Mestra em Educação. Professora no Departamento de Ciências Humanas – Campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Email: cmmsousa@uneb.br



reelaboração cultural. Segundo a autora, "aquilo que chamo de pretuguês [...] nada mais é do que a marca de africanização do português falado no Brasil" (Gonzalez, 2020, p. 128). Para a autora, essa influência não aparece somente em palavras incorporadas ao vocabulário cotidiano, mas também em ritmos, sonoridades, formas de falar e expressões culturais construídas ao longo da história brasileira.

Segundo Gonzalez (2020), o "pretuguês" representa a africanização do português brasileiro, mostrando que nossa língua não é resultado apenas da herança europeia, mas também das contribuições culturais e linguísticas dos povos africanos trazidos ao Brasil durante o período escravista. Lev Vygotsky (2008) afirma que a linguagem é elemento central na construção do pensamento e da memória cultural, funcionando como mediadora dos processos de significação.

Nesse contexto, Salvador se apresenta como um espaço importante para esse estudo, por concentrar marcas históricas, culturais e religiosas que evidenciam a presença africana na formação social e cultural do país. Dessa forma, buscou-se responder ao seguinte questionamento: como os espaços históricos de Salvador contribuem para compreender as relações entre linguagem, memória e identidade a partir do conceito de pretuguês e da psicolinguística?

Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar como diferentes espaços históricos e culturais de Salvador ajudam a compreender a linguagem como fenômeno social, cognitivo e identitário na formação em Pedagogia.

## MÉTODO

Este estudo possui abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, desenvolvido a partir de relato de experiência e observação participante durante visita técnica realizada em Salvador.

Durante a viagem, foram visitados diferentes espaços históricos e culturais, entre eles: Mercado Modelo, Galeria Mercado, Casa das Histórias de Salvador, Basílica do Senhor do Bonfim, Pelourinho, Terreiro de Jesus, Museu Afro-Brasileiro (MAFRO/UFBA), Praça da Sé, Elevador Lacerda, Praia do Porto da Barra, Museu de Arte Contemporânea (MAC) e Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM).

A experiência dialoga com as contribuições de Paulo Freire (1982), ao compreender a investigação como processo construído na relação com a realidade social e cultural. Nesse



sentido, o autor destaca a importância de que os investigadores "assistam a reuniões [...], observando o procedimento de seus participantes, a linguagem usada" (Freire, 1982, p. 124), valorizando os diferentes contextos sociais e culturais presentes no processo investigativo.

As observações e registros foram realizados por meio de anotações descritivas e fotografias durante a visita, contemplando manifestações culturais, organização dos espaços, narrativas históricas, símbolos religiosos, exposições museológicas e aspectos linguísticos presentes nos locais visitados.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

A experiência em Salvador possibilitou compreender que a linguagem vai além da comunicação verbal, estando presente também em símbolos, manifestações culturais, religiosidade, arte e memória coletiva.

Nos espaços visitados, especialmente Pelourinho, Terreiro de Jesus e Praça da Sé, foi possível observar marcas importantes da cultura afro-brasileira presentes na arquitetura, nas expressões artísticas, nas práticas religiosas e na própria dinâmica social desses ambientes.

No Museu Afro-Brasileiro (MAFRO), as exposições reforçaram a importância das contribuições africanas para a formação histórica e cultural do Brasil. Esse contato dialoga diretamente com Gonzalez (2020), quando a autora discute como o racismo brasileiro muitas vezes invisibiliza essas contribuições, ao mesmo tempo em que se estrutura sobre elas.

A autora afirma que: "Enquanto denegação de nossa latino-amefricanidade, racismo 'à brasileira' se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma" (Gonzalez, 2020, p. 127). Essa reflexão tornou-se ainda mais evidente ao perceber como alguns espaços históricos valorizam determinadas narrativas enquanto outras permanecem silenciadas.

No Mercado Modelo e na Galeria Mercado, observou-se a permanência de elementos africanos no cotidiano, especialmente por meio da culinária, artesanato, religiosidade e vocabulário popular. Palavras como cafuné, angu, fubá, quiabo, moleque e caçula exemplificam a presença do pretuguês no português brasileiro. Segundo Bagno (2015), essas variações linguísticas são legítimas e refletem processos históricos e sociais da língua.

Sob a perspectiva da psicolinguística, Vygotsky (2008) destaca que a linguagem media a construção do pensamento e da memória, o que se confirma na forma como os espaços



históricos ativam significados culturais e identitários. Sob o olhar da psicolinguística, percebeu-se que a linguagem e a memória estão diretamente relacionadas e sendo construídas por meio das vivências. Os espaços visitados despertam processos de significação que conectam história, identidade e pertencimento cultural.

Além disso, manifestações musicais, ritmos e oralidades presentes em Salvador dialogam com a discussão de Gonzalez sobre a influência das línguas africanas no português brasileiro. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente, esclarece Gonzalez (2020). A visita à Basílica do Senhor do Bonfim também permitiu refletir sobre os processos de sincretismo religioso e construção simbólica da identidade cultural brasileira.

Por fim, espaços como MAC e MAM ampliaram a compreensão de linguagem para além da fala, mostrando como arte e memória visual também comunicam narrativas históricas e identitárias, contribuindo para o desenvolvimento de práticas com sentido na formação de pedagogos, compreendendo as marcas linguísticas das origens afrobrasileiras.

## CONCLUSÕES

A viagem acadêmica para Salvador contribuiu significativamente para relacionar teoria e prática dentro dos estudos da psicolinguística. A experiência permitiu compreender como linguagem, memória e identidade se conectam em espaços marcados pela presença histórica e cultural afro-brasileira. Foi uma etapa imprescindível na formação pedagógica, permitindo a articulação direta entre as teorias da psicolinguística e a realidade sociocultural brasileira. Através da observação *in loco* em espaços como o Pelourinho e o MAFRO, foi possível constatar que o pretuguês não é apenas uma herança linguística, mas um pilar da identidade nacional que resiste e se ressignifica nos símbolos, na culinária e nas interações cotidianas.

A partir do conceito de pretuguês, foi possível reconhecer que o português falado no Brasil carrega influências africanas profundas, perceptíveis no vocabulário, nos ritmos, na oralidade e em diferentes manifestações culturais. Para o pedagogo em formação, compreender o pretuguês significa, reconhecer a africanização do português brasileiro como uma marca de resistência e não como um erro gramatical, valorizar a memória e a identidade



afro-brasileira como elementos centrais na construção do conhecimento escolar e adotar uma postura crítica frente ao racismo linguístico, promovendo uma educação inclusiva que respeite a bagagem cultural dos estudantes.

Além disso, os espaços visitados mostraram Salvador como um território de memória, resistência e produção cultural, fortalecendo a importância de experiências de campo na formação acadêmica e na construção de uma leitura mais crítica sobre linguagem e identidade. Em suma, a experiência reafirmou que os espaços históricos são territórios educativos potentes. Eles despertam processos de significação que conectam história e pertencimento, fundamentais para uma prática docente comprometida com a diversidade e com a desconstrução de narrativas eurocêntricas no campo da educação.

**Palavras-chave:** pretuguês; psicolinguística; memória cultural; identidade; africanidades.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

